

MÃE EM CHAMAS, FILHOS SE DANDO AS MÃOS

Severino Lepê Correia

Resumo

O trabalho busca mostrar o diálogo entre as lutas de libertação africana e a organização dos movimentos negros do Brasil. Sabe-se que há um passado africano, cheio de diferenças, embora as idéias se encontrem graças à compreensão de que colonialismo, escravidão e racismo fazem parte de um só corpo: a exploração. Entretanto, enquanto lá se buscava o socialismo africano, aqui se tentava, ainda, desenhar algo que denotasse uma visão negra do socialismo. Dois fatores são significativos nestas relações: a redoma onde fica confinada a cultura brasileira após o golpe de 64, e a falta de credibilidade que gira em torno de toda e qualquer notícia e trabalhos sobre a África, veiculados por agências do ocidente.

Palavras-chave: África – Movimentos de Libertação – Colonização - Racismo e Negritude.

Abstract

This work intending to show a dialogue between the africans' fight for freedom and the organization of the brasilians' black movements recognizing an african past, although different, having today a meeting of ideas, due to understanding that colonization, slavery and racism are participating of the same exploiting.

But, while the African people was fighting in search of the socialism, for the brasilians blacks, it was only a dream. In these relationships, two factors are importants: the cultural seclusion that after 1964, Brazil was victimized, and the large discredit of all news and works about Afrika, by way of westerns office.

Keywords: Afrika – Moviments of Liberations – Colonizations – Racism and Negritude

To My Mother.

*Black Woman, woman of África, O my mother, I am
thinking of you...*

*O my mother. You carried me on your back. You fed me, you watched
Over my first uncertain steps. You were the first to open my eyes to
the
Wonders of earth. I am thinking of you....*

*Woman of the fields, woman of the rivers, O my mother, I am thinking
of you....*

*O my mother, who dried my tears and filled my heart with laughter.
How I should love to be a little child beside you again!*

*Black woman, woman of the Africa, O my mother, let me thank you.
Thank for all that you have done for me, your son. Though so far away,
he is still close to you!*
(LAYE, 1980)

Introdução

Os colonizadores, onde chegaram, trataram todos os povos - para se apropriarem de suas riquezas e de seus territórios - da mesma maneira. Os europeus não foram para a África como uma nova opção de vida; objetivando construir uma nova pátria como aconteceu em algumas partes da América. Nem mesmo os que depois se radicaram por lá, como donos de terra, buscaram a integração nas populações locais para formarem novas populações. A tão famosa exploração simultânea do continente africano e do americano, aniquilou fisicamente grandes contingentes populacionais e desfigurou a história e a cultura desses povos.

No Brasil, impuseram seu jugo aos nativos indígenas, e logo após, para promoverem o desenvolvimento da nova colônia, deram continuidade ao que tinham começado desde o continente africano, trazendo seus nativos para as "terras da santa cruz". Não podemos dizer que a contribuição foi zero, mas o que o colonialismo deu foi desproporcional em relação ao que foi extorquido: tanto lá quanto cá.

Durante cinco séculos o peso do mando e do desmando caminhou da simples exploração para a uma colonização efetiva. O que nos faz ainda hoje perguntar, diante da sede insaciável de exploração:

"Que estranho mistério condenou a África a ser eternamente a mãe-preta, a ama-de-leite do mundo inteiro? {...} A ponte que uniu a África e o Brasil no mesmo destino colonial, e que

se rompeu mais tarde, poderia ser refeita para uni-los de novo no esforço conjunto pelo desenvolvimento? ” (MARTINEZ, p. 5)

Uma das perguntas do Paulo Martinez, talvez seja a da maioria dos interessados em uma relação melhor entre estes dois parentes evidentes: “Por que o Brasil não desfaz essa tradição maligna?” (idem , p.5). É possível que um conhecimento melhor dos laços que os unem, e a criação de um novo ponto de vista sobre o Atlântico, possa fazer deste Oceano uma ponte, e não um obstáculo, entre aquela que representa 10% da população mundial e seus filhos..

Notícias do mundo de lá

Julho de 1980. *Cadernos do Terceiro Mundo* chama atenção com suas notícias de África: “Angola: a guerra continua”; “Chade: o reinício da batalha”; “Cabo Verde: A conquista da independência econômica”; “São Tomé e Príncipe: Consolidação da linha progressista”; “Camarões: mais cinco anos de ditadura”; “Uganda: Obote está de volta”; “África do Sul: Zabriskie Point na terra do apartheid”; “ Egipto: Campo David – um instrumento das multinacionais”; “Argélia: A consolidação de Chadli”; “Moçambique: Tempo de paz”.

Graças ao período de ditadura no Brasil, *Cadernos do Terceiro Mundo*, só chegou até nós, três anos depois de existir e, no número 24, em 16 de junho de 1980. “A primeira edição brasileira foi apresentada na sede da ABI, a jornalistas, políticos, líderes sindicais, religiosos e um número expressivo de pessoas preocupadas com a luta antiimperialista...”(CTM, p. 52, 1980). Como o objetivo dos *Cadernos*, era oferecer ao mundo uma comunicação descompromissada com os interesses das multinacionais da informação, tomamos ciência de fatos que até então, nós os jovens, se não os desconhecíamos, recebíamos de maneira distorcida. Com os *Cadernos do Terceiro Mundo*, além das notícias da África, outros temas puderam chegar até nós como: a guerrilha na Colômbia, as manobras para desestabilizarem o governo de Manley, na Jamaica, a luta pela democracia no Chile e uma série de outros assuntos latino-americanos.

Os *Cadernos* marcavam presença onde estivessem as lutas populares. Entre nós, brasileiros, os ganhos foram de bom tamanho em matéria de notícias, principalmente, sobre as lutas africanas pela independência, coisas que a Europa e EUA estavam cansados de saber. Daí a importância, para os movimentos brasileiros, dos *Cadernos do Terceiro Mundo*, sem desmerecer as reportagens da *Folha de São*

Paulo, Tribuna da Imprensa, Pasquim, Versus e Jornal do Verde, O Sol, produzidas pela intelectualidade de esquerda apesar da violentíssima censura, no campo da produção cultural, impedindo qualquer manifestação de tendência crítica, durante a ditadura militar.

O lado de cá...

Enquanto o lado de lá, a África, era devorada pelas chamas das guerras e guerrilhas, numa luta incessante de seus países, buscando, cada qual, sua independência; em 1964, aqui, a fala do negro não existia. Logicamente, nem mesmo como presos políticos, coisa que nunca foram reconhecidos. Vivíamos a influência de Zé Carioca, o papagaio representante do malandro brasileiro; movimento da Jovem Guarda, Bossa Nova, rock'n' roll (de base negra, mas estilizado pelas grandes gravadoras e vendidas ao público branco sem esta informação), movimento hippie, Coca-cola, e as canções de reforço da tenebrosa quartelada, que a COMOCI- Comissão de Moral e Civismo - fazia questão de propalar como revolução. A cultura foi ferozmente isolada; as notícias que chegavam das fontes internacionais sobre a África não mereciam, de forma alguma, confiança. Fato similar aconteceu no pós-abolição, onde o negro ficou perdido no tempo e no espaço, visto que, nas sociedades escravistas e abolicionistas "raça e origem cultural definem, a priori, o lugar social dos indivíduos." (CUNHA JR, 1992, p. 20) Os grupos foram desmobilizados, e esvaziadas as possibilidades de revolta - cria-se um vazio contestatório e uma situação enganosa - de liberdade. Na primeira situação o germe luso tropicalista cristão, e na segunda, a "democracia racial" foi a bandeira do regime - com resquícios até hoje - e o ópio da maioria.

O elemento comum de um lado e outro do Atlântico é que "o domínio colonial esmerou-se em destruir as culturas nativas, modificar as crenças e os valores, e inculcar nas populações locais a subserviência ao colonizador branco." (MARTINEZ, p. 11) Podemos dizer que até hoje nos encontramos em plena luta de libertação, dando socos para sairmos da margem, em matéria de informação.

Os tempos de hoje, logicamente, são melhores do que os d'antes. A temática sobre as coisas africanas desperta interesse nos mais diversos setores da sociedade. Sabemos que para que houvesse avanço nesse sentido foi "uma tarefa árdua, sem dúvida, mas nem por isso impossível. {...} é sempre viável ocupar algum espaço para informar com honestidade o que se passa entre os povos..." (JAKOBSKIND, 1982, p. 11). Como disse Sebastien Joachim: "Todos os seres humanos são plurais - isso complica o diálogo. Com que lado de mim, me falas ou me olhas? Por isso, é preciso,

quase sempre, se distanciar um pouco, para que a honestidade entre o eu e o tu, possa mediar nossas relações, e nossas respostas sejam elaboradas e as identidades construídas e/ou reconstruídas.”¹

Do Povo Buscamos a Força
Lutar para nós é ver aquilo
Que o povo quer realizado
É ter a terra onde nascemos
É sermos livres para trabalhar
É ter para nós o que criamos.
Lutar para nós é um destino –
É uma ponte entre a descrença
E a certeza do mundo novo.

(Agostinho Neto–Poemas de Angola)

Em busca das independências.

De luta em luta, o processo de independência das colônias africanas só se completou em meados da década de 1970. “Na maior parte dos países africanos a independência política não foi acompanhada pela independência econômica, financeira e tecnológica.”(BRANDÃO &DUARTE), 1991; p. 100) Apesar da luta dos povos, solidificada pelos sindicatos organizados e organizações de massa, o colonialismo francês e o inglês, inteligentemente fizeram, “a transformação necessária , mantendo os cordéis do neo-colonialismo que persiste até hoje em muitos países africanos”(CTM, 1980, p. 14): a famosa independência “de bandeja”, que imperou em meio a libertação de muitos países em 1960.

Por esta razão e outras mais, quando em Angola se fundou o MPLA, se fez questão de que ele fosse inicialmente Movimento. Quando se tornou Partido, tinha um cunho progressista, anti-colonialista, antiimperialista e de certo modo marxista. Como

^{1*} Palestra de abertura do Colóquio “Choque de Gerações”- 23 a 25 de setembro de 2009 – UEPB, em Campina Grande.

era necessário unir o povo em torno da idéia de independência, coisa extremamente difícil, as lutas sob esta orientação marxista, em quase toda a África, desenvolveram-se no âmbito de movimentos de libertação. Cada africano era um soldado, cada soldado um pedaço anônimo e esperançoso de uma mãe que, embora sangrando e em chamas, seguia sem perder a esperança de liberdade:

*Não me peças sorrisos
Que ainda transpiro os aís
Dos feridos nas batalhas.
Não me exijas glórias
Que sou eu o soldado desconhecido
da humanidade.*

(Agostinho Neto, 1980)

A principal dificuldade era criar um antídoto contra o envenenamento encetado pela propaganda colonial, pela maneira de agir do colonialismo, como por exemplo, o **lusu tropicalismo**: célebre esquema português tão difundido no Brasil e desenvolvido pelo discurso freyreano. O grande desafio dos países recém-criados foi o de reescreverem as histórias de suas vidas e traçarem o rumos de seus destinos, além da restauração da dignidade identitária corrompida pela colonização: coisa importante para estabelecerem a nacionalidade.

Movimentos Negros no Brasil e Independências Africanas.

Dos anos 1970 do século passado em diante, ficaram estabelecidas as diferenças e igualdades enfrentadas no lá e cá do Atlântico, mas nunca podemos perder de vista a realidade brasileira.

De início, reconhece-se aqui um passado africano, embora diverso e com desenvolvimentos diferentes, existindo no presente um reencontro, devido aos problemas apresentados pelos choques de civilização pelas questões raciais e acima de tudo pelas tentativas de compreensão e oposição ao capitalismo internacional.

(CUNHA JR, 1992, P. 30)

As idéias se reencontram quando no Brasil também se chega à compreensão de “que colonialismo, escravidão e racismo são partes integrantes de uma só exploração capitalista” (CUNHA JR, *idem*). Só que na África – continua H. Cunha JR - o momento histórico que conduz o povo à libertação, facilita uma tomada de posição crítica diante do capitalismo, respaldada pela visão socialista marxista, opção que nas “Américas Latinas”, devido às ditaduras, não tinha essa via como indicativo.

Embora, até 1965, de coisas políticas efetivas, sobre negros, só músicas contendo reflexos da afirmação dos Direitos Civis dos negros norte-americanos, provenientes da década de 50 e durante a década de 60, uma mãozinha dos movimentos criados por Luther King, foi valiosíssima aos Movimentos Negros Brasileiros.

Os negros quase sexagenários de hoje, nascidos no Brasil, conscientes das lutas libertárias ou não, nasceram com a independência do Egito, em 1952, que se libertava do jugo da Inglaterra. Nos anos 1955/56, os direitos civis dos negros e desfavorecidos, o combate às injustiças e o racismo ganharam força entre os negros da América do Norte. Na África, Tunísia, Marrocos e Sudão, rechaçavam os governos francês, espanhol e inglês, a custo de muitas almas. Mas nessa fase tudo ainda é interno. Embora o protesto violento resolvesse e desse caminho à libertação, na maioria das vezes a metrópole dava prosseguimento. Ela não queria perder as vantagens que continuaria a tirar das terras africanas. Em 1963, “a desobediência civil transformou-se em poderosa força política, representando perante os norte-americanos a ação direta e sem violência contra a discriminação racial.” (BRANDÃO & DUARTE, 1991, P. 37) A ordem era “resistir sem ódio; ser ofendido sem querer vingança; e ser surrado sem querer reagir ou fugir.” (*idem*) Tudo isso implicava em controlar o medo e a raiva, cara a cara com as ações de opressão da polícia e dos “conservadores da ordem social”. Chegou um tempo e que as cadeias superlotaram. Policiais saíam a correr, e os negros, atrás, exigindo ser presos: eram os símbolos dos que defendiam a liberdade, invertendo os valores e confundindo os aparelhos repressores. Tudo isso até Los Angeles explodir em chamas, para surpresa de todos, em 1967, quando impacientes, os negros do bairro de Watts, começaram a exigir maior poder político e econômico a qualquer custo: era o Black Power – o Poder Negro – em ação, os Panteras Negras, os negros do Islã. O objetivo era organizar algo mais sólido que protestasse contra uma sociedade racista e materialista:

*... Cada negro que for
Mais um negro virá*

Para lutar, com sangue ou não

Com uma canção

Também sem luta, irmão....

A voz tinha que ser ouvida, e a luta que ser incessante. Por isso “nos anos que seguem 1965, a grande voz da “consciência negra” vem dos Estados Unidos” (CUNHA JR, 1992, p. 32), onde o pensamento revolucionário de seus grupos ativistas ganha maturidade e passa a expandir sua influência a outros grupos, mundo a fora. Embora um tanto deturpadas as notícias chegam ao Brasil trazem o retrato das lutas, incêndios, marchas e a militância brasileira se inflama e o interesse pelo que acontece nos EUA, em matéria de organização política. Por que, as rebeliões africanas, em sua primeira fase – anos 60 - muito pouco contribuíram com a luta dos movimentos negros brasileiros?

Amar: é preciso conhecer, mesmo sendo parente.

Segundo Seu Paulo Preto, um negro velho, Babalorixá, do Alto da Mina, em Olinda: “Quem dorme com os olhos dos outros, não acorda a hora que quer”. A primeira geração, fundadora do Movimento Negro Brasileiro, era composta de lideranças com educação européia e, logicamente, seus modelos não podiam ser outros. Dentro desses parâmetros cosmovisionários, o que não estava de acordo com os conceitos de tradição e cultura europeus, ou de sua lógica de vida, não possuía clareza de sentido.

Só após os anos 1970, os movimentos da Guiné, Angola, Moçambique, África do Sul e Zimbábue, ao apresentarem comportamentos políticos demonstrando visões progressistas, quando vários de seus líderes assumem o verdadeiro sentido da revolução africana, descendo do muro, são derramadas, perceptivelmente, nas veias dos movimentos do Brasil, as influências marcantes da luta libertária e nos grupos brasileiros se instala o interesse em acompanhar tudo o que lá se sucede, com um interesse que sabe a admiração e solidariedade consangüínea. Os disparos das “armas” portadas por Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Samora Machel, passaram a ser um hábito de leitura dos militantes brasileiros:

...continuamente temos que rectificar os nossos métodos de trabalho, introduzir o bisturi da crítica e da autocrítica, para amputar a herança enorme, pesada e negativa que nos transmite a sociedade antiga.

(Samora Machel, Moçambique)²

A partir de agora *Hora do Povo*, *Maioria Falante* e outros “jornais da comunidade esforçam-se em transmitir e apanhar o que está acontecendo nesses países” (CUNHA JR, 1991, p. 33). As maneiras de agir e o pensamento sobre as questões brasileiras e rumos de seus movimentos, nesse momento, incisivamente recebem a influência socialista, desta feita, sendo apresentado via África, bem mais definido que na primeira fase e com projetos políticos inovadores. Graças às tentativas ferrenhas de desvinculamento desses últimos países citados, com os antigos sistemas coloniais. Mesmo os que ainda estavam sob o jugo colonial, davam exemplos de resistência e determinação, como foi o caso de Steve Biko, um dos mártires da luta contra o *apartheid* da África do Sul, assassinado em 1977, pelo regime inglês:

Não devemos perder tempo aqui tratando das manifestações da pobreza material do povo negro. Uma ampla literatura já foi escrita sobre esse problema [...] A lógica que se acha por trás da dominação do branco é a de preparar o negro para desempenhar neste país um papel subserviente.

Bantu S. Biko.

Foi este trecho, entre tantos outros, que levou a então Deputada Federal, Benedita da Silva, na apresentação da edição brasileira de *Eu Escrevo o que Eu Quero*, de Steve Biko, em 1990, a afirmar ser

inevitável o reconhecimento da semelhança entre a situação do negro brasileiro e a do negro sul-africano, pois de um lado eles nos instigam a refletir sobre o nosso compromisso de solidariedade para com a luta do povo negro sul-africano e, do outro, nos obrigam a deter-nos sobre o estágio em que se mantêm as desigualdades existentes entre os grupos raciais no Brasil, tornando evidente que os métodos de segregação racial utilizados no Brasil e na África do Sul embora diferentes entre si, alcançam resultados iguais.

² Conservada ortografia da edição original de 1975 – Discurso de Samora Machel, presidente de Moçambique.

É portanto, por esses e tantos motivos, inadmissível se deixar arquivar essa rede de solidariedade que se refez a partir dos anos 1970, do século XX, com mais veemência, através dos movimentos de consciência negra espalhados pelo mundo, via movimentos anticolonialistas, paridos por um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum, como foi o caso do *Pan-africanismo*; articulado entre os negros das Antilhas e dos Estados Unidos, “envolvidos numa luta semelhante contra a violenta segregação racial que sofriam” (PEREIRA, 1978, p. 26), na segunda metade do século XIX. A reivindicação principal era o direito dos negros, expropriados na África do Sul, pelos bóeres e ingleses, à sua própria personalidade. No tempo faltou uma organização política que instrumentalizasse a luta dentro de todo o continente americano, levando em conta que o combate ao racismo deveria estar ligado à especificidade de cada país, sem perder de vista as lutas africanas.

Finalmente...

Sem considerar o assunto encerrado, podemos ainda ressaltar que ao longo dos anos 1980, não foi só a fome, o racismo que a África chamou a atenção do mundo. A música foi um grande atrativo de olhos voltados para o berço da humanidade. Os graves acontecimentos gerou campanhas solidárias movidas por astros pops, principalmente negros, do mundo inteiro e com eles e os choques tecnológico-culturais, nasceram novos ritmos musicais que fizeram vir até nós, que até então só conhecíamos Miriam Makeba, irmãos nunca imaginados como Manu Dibango, King Sunny Ade, Felá Kuti, Toure Kunda, Cesaria Évora, Lokua Kanza, Luiz Ngambi e tantos outros.

Os ficcionistas e poetas africanos de língua portuguesa, em 1986, dão as caras e se impõe pelo Brasil: Moçambique, Angola, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Foram quarenta e um escritores africanos presentes no *Sonha Mamana África*, a obra literária que mais congregou escritores africanos em língua portuguesa, organizado por Cremilda Medina, para se juntarem aos vários componentes dos *Cadernos Negros*, fundados por escritores e poetas Afro-brasileiros, desde 1978, fazendo Literatura Negra, hoje editados pelo Quilombhoje Literatura.

Hoje, já temos no Brasil a Casa de Angola. Caminho aberto pelo interesse e disponibilidade de Martinho da Vila, mesmo antes dos interesses televisivos, pela cultura daquele povo; a Casa do Benin, com as relações Benin-Brasil, intermediadas pelo ex-Ministro Gilberto Gil, desde os anos 1990.

É possível que dessa forma, de mãos dadas o chamado Terceiro Mundo, que comporta em sua formação a África e seus filhos, inclusive o Brasil, deixe de ser condenado a ser apenas uma câmara de eco das criações, artístico-literário-científicas dos ditos “desenvolvidos”. Podemos até tomar a liberdade de parafrasear Du Bois, considerado o pai do pan-africanismo, ao expressar convictamente que a unificação da luta dos negros antilhanos e norte-americanos – incluindo hoje os brasileiros - com os africanos, deveria ter como base a compreensão de que todo o sofrimento da dominação é oriundo de uma mesma raiz: o capitalismo, hoje, melhor conduzido pelas potências imperialistas pós-modernas.

Enquanto houver fumaça e alguma parte das vestes da mãe: sem choro, sem ódio e sem reticências, os filhos deverão continuar de mãos dadas, pois “a exploração dos negros não é uma coincidência. Foi um plano deliberado que culminou no fato de até mesmo os chamados países independentes negros não terem atingido uma independência real. (BIKO, 1990, p. 67)

. A ditadura militar já passou, as lutas coloniais já esmaeceram, mas o discurso de Steve Biko, continua tão atual quanto hoje. A integração ainda precisa sair da artificialidade, do direcionamento de mão única onde uns, pela ilusão suprema da cor, são os únicos a falar, cabendo aos seus desiguais apenas escutar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NETO, Agostinho, *Poemas de Angola*, Rio de Janeiro, CODECRI, 1976

BIKO, Steve, *Escrevo o que Eu Quero*, São Paulo, Ática, 1990

BRANDÃO, Antônio Carlos & DUARTE, Milton Fernandes, S. Paulo, Moderna; 1990

Cadernos do Terceiro Mundo, ano III, n. 25; RJ; Ed. Terceiro Mundo Ltda, jul. 1980

CUNHA JR, Henrique, *Textos para o Movimento Negro*, S. Paulo; EDICON, 1992

LAYE, Camara, London; Collins English Library, 1980.

MACHEL, Samora Moisés, *Estabelecer o Poder Popular para Servir as Massas*, Rio, CODECRI, 1979.

MARTINEZ, Paulo, *África e Brasil: Uma Ponte Sobre o Atlântico*, SP, Moderna, 1985.

PEREIRA, José Maria Nunes, "Colonialismo, Racismo e Descolonização, in- *Cadernos Cândido Mendes* – Estudos Afro-Asiático 2, ano1, R. J, CEEA, maio-agosto de 1978